

HAP SENG LOENG OLEO DE OSTRA

本庄出品
製造精良
鮮甜可口
氣味芬芳
饌為配
中外名揚



Quando o Tempo Rescende

A Obra de José Catela

ANTÓNIO CONCEIÇÃO JÚNIOR

A memória não é a linearidade entre o pretérito e o presente, mas antes um encadeado de afectos por onde perpassam sombras imaginadas ou, se se quiser, imagens ensombrecidas pela distância.

E dessa sombra se fez luz na obra de José Neves Catela, macaense por escolha e adopção, visionário que deixou um legado onde a imagem se substituiu à palavra ou à língua, desenrolando-se num discurso único sobre um tempo irretornável, cristalizado nas fotografias pequenas, que as vi todas em álbum, onde cabem tantos de todos os momentos idos, legados aos dias presentes.

Não se tratará de um registo deliberadamente buscando as múltiplas formas do poético, como em Cartier-Bresson ou na paisagem desabitada de Ansell Adams. É antes o produto de um olhar curioso e cuidado, tão sistemático como a respiração da humanidade, sobre momentos de um lugar único e irrepetível a que os afectos nostálgicos chamam de Macau.

A poesia surge de uma fonte dupla; a preocupação de José Neves Catela em guardar momentos íntimos ou públicos respeitantes à comunidade maioritária da cidade, e ao onírico

convocado pela revisitação ou descoberta de cenários humanos de fortes características de Macau.

Nestas todas imagens se corporiza um registo metódico de um olhar sobre o Outro, viajando nos seus costumes e hábitos, percorrendo sobre o quotidiano de algo bem mais real e, talvez por isso, mais fantástico do que *O Mandarin* fabuloso de um Eça que da grande China apenas lhe vestiu um traje, enquanto Catela se vestiu do futuro da não-exclusão, da fotografia documental de enorme valor histórico e, por isso, de grande mérito, que a sua divulgação, essa não é mais que obrigação e devoção que o Museu de Arte de Macau tornou devoção, num percurso feito de afectos e de vontade de bem fazer.

Viajar pela Macau dos registos de José Catela é seguir um préstito de fantasmas de um tempo ainda recente – subitamente interrompido pelo som assíncrono da máquina anunciando um progresso recém-descoberto – onde o acto de habitar a cidade se fazia pela mão tocando os aromas vários, o sol ardendo saudado pelo cantar de cigarras e o tempo se bastava a si mesmo, prolongando-se dolente, como o junco que querendo dobrar a barra se atrasa num último olhar para a baía coroada de acácias enrubescidas de flores, derramando sombras passadas de inúmeros pretéritos.

Página anterior: Jovem de família rica vestida com saia moderna contrastando com a mulher de traje tipicamente chinês que caminha a seu lado.

Previous Page: This lady is wearing a beautiful skirt in the Western style, an interesting contrast to the woman next to her in plain Chinese clothes.

*Licenciado em Artes Plásticas e Design pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa; presidente honorário da Associação de Designers de Macau, que ajudou a fundar, e membro da Academia de Belas-Artes de Lisboa. Foi Conservador do Museu Luís de Camões e Chefe dos Serviços Recreativos e Culturais do então Leal Senado. Foi consultor para a Cultura da Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau, director da Galeria do World Trade Center, colaborou em diferentes jornais e revistas, exercendo actualmente funções de consultadoria no Museu de Arte de Macau.

Bachelor's degree in Plastic Arts and Design from the Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. He is honorary president of the Macao Designers Association, which he helped found, and a member of the Academia de Belas-Artes de Lisboa. He was a curator at the Luís de Camões Museum and head of the Recreational and Cultural Divisions of the Leal Senado. He was also cultural advisor to the Macao Foundation for Cooperation and Development, and director of the World Trade Center Gallery. He has contributed to various newspapers and magazines, and is currently a consultant at the Macao Museum of Art.

IMAGENS DE ESCASSA LINHAGEM

José Catela entronca numa área do registo fotográfico transcontinental que possui escassa linhagem. Felice Beato (1820-1907), John Thomson (1837-1921) e Leone Nani (1880-1935) são alguns dos raros nomes que se vão tornando familiares à medida que a sua obra vai sendo divulgada.

Se bem que José Catela tenha vivido em período mais recente, tal facto não retira ao cenário que se lhe deparou uma quase imutabilidade em relação ao dos seus antecessores, excepção feita à hibridez arquitectónica de algumas zonas urbanas, cenário singular dos protagonistas que povoam as suas fotografias tiradas em máquinas hoje tornadas obsoletas pela voracidade do tempo tecnológico.



Condutores de riquexó com chapéu de bambu e capa de folhas de palmeira para os proteger em dias de chuva.
The only protection the rickshaw man got on a rainy day was from a bamboo hat and a primitive raincoat made from palm leaves.

José da Neves Catela inscreve, com a sua metódica obra, o seu nome num panteão de escassa linhagem, feito de alguns – bem poucos – que demandaram do Ocidente esta multi-milenar China em cujas margens meridionais se fixou, no mais antigo entreposto ocidental, olhando curiosa e respeitosa e a sua cultura, anunciando com largas décadas de antecipação a inevitabilidade do que hoje se chama global.

VISLUMBRES DO CAMPO NA URBE

A civilização chinesa, enraizada no campesinato, razão fundamental para perceber a formulação dos fundamentos taoístas e o pronto acolhimento do budismo em pacífico convívio com o confucionismo, encontrou na Macau de José Catela suficiente terreno de expressão nos hábitos quotidianos, fluida conjugação

entre o campo próximo e a cidade mediterrânica, de matriz portuguesa e inspiração helénica, aventura incrível que transcende a banalidade das palavras.

É assim que à gabardina ou ao impermeável José Catela prefere o capote de folhas, o chapéu cónico, a liberdade campestre de se cozinhar ou comer à porta de casa, os ritos de passagem, o bazar, ou o registo de uma loja de chá, o dentista ambulante ostentando dentes arrancados como troféus da sua perícia, o impressor ambulante de cartões, ou a venda de peixes salmourados, dependurados das lojas de onde quase se sente o aroma da maresia, remetendo para os juncos de velas prenhes que preenchiam muito da paisagem do Porto Exterior e também da do Interior, onde lançavam âncora.

É neste contexto da confluência, já não de dois rios – um demasiado distante e outro beijando a cidade – que a obra de Catela assume particular importância.



Mariscos secos pendurados nas entradas das lojas.
Seafood groceries draped across the doorway of the shops to attract customers.

Nela releva a essencialidade pioneira da procura do Outro, da descoberta da convivência dos paradoxos tão suavemente entrelaçados que deixam de o ser para se transformarem num véu quase-mágico de onde se vislumbram episódios de uma história ainda por contar inteiramente.

Contador de histórias, pouco importa se ficcionadas ou reais, os personagens e as cenas que emergem das velhas fotografias de José das Neves Catela metamorfoseiam-se, elas próprias e as sombras dos que nelas figuram, numa torrente de informação transcultural que traduz a verdadeira identidade da cidade, palco de infinitos cruzamentos e encruzilhadas, acontecidas num momento quando a digitalização ainda não era sonhada e a sociedade da informação estava por imaginar.

No entanto, neste lugar único de milagres e aventuras incontáveis, de dramas e de passagem para

outros sonhos, a obra do fotógrafo assume-se não apenas como legado, mas também registo e testemunho de uma cidade dividida entre a urbe mediterrânica e o campo de hortas do Porto Exterior, por onde caminharam pachorrentos búfalos e se pastaram cabras ali pelos lados do reservatório, e onde as sombras de Chinnery e Borget ainda pairavam sobre esse tempo sonolento, como que a pedir que entendessem a malha que os séculos teceram.

VIVER A URBE

Poucos são os povos que vivem tão intensamente a cidade como os chineses. Também por isso, difícil se tornava estabelecer a fronteira entre o umbral da porta e o resto da cidade, espécie de extensão da casa. Nesse universo chinês de Macau,

PATRIMÓNIO / Fotografia



Vendilhão de comida.
Food vendor.

a rua é apenas o prolongamento da casa, onde está o que se precisa, da aragem até à casa de chá, do mercado de comida fresca ao adivinho que anuncia o futuro, ao escriba que lê e escreve cartas àqueles que da escrita chinesa não conheciam as regras, que para cá tinham vindo apenas escrevendo com a enxada e lendo a qualidade dos legumes.

É nessa fruição plena dos espaços urbanos que se completa a cultura da cidade de identidade demasiado subtil para uma pronta identificação.

Todas as cidades são focos de cultura e Macau, não fugindo à regra, apenas não gerou uma civilização apesar do rio, porque tanto quanto este desagua no mar mudando de cor, também as aculturações ocorridas pelos séculos fizeram desta cidade algo que requer uma profunda compreensão, tal como I. M. Pei há bem pouco tempo disse.

Macau é a memória de um encontro, irrecusável e indeclinável, um modo único de estar que a distingue de qualquer outra cidade próxima. É a diferença que não trai, é a cultura da mistura num outro tempo onde no mundo a miscigenação consubstancia essa alquimia.

Não sendo dos que entendem a preservação patrimonial como atitude passiva, geralmente conducente à inevitável decadência dos edifícios, constato que José Catela vem trazer de novo à ribalta não apenas a questão patrimonial mas também a do entendimento da cidade como organismo vivo, palpitante, requerendo regras urbanísticas e cívicas que lhe dêem sentido, inevitável compromisso e pacto entre todos para que do todo se encontre o sentido.

Se a Rua das Felicidades se encontra recuperada, talvez também o fotógrafo gostasse de a



As gentes mais pobres tinham por hábito comer as suas refeições em plena rua, sobretudo as crianças.
Ordinary people did not care about table manners. Having a meal in the street, especially children, was a common street scene in the past.

ver preenchida por casas de chá ou restaurantes compatíveis com a arquitectura. Não se trata de encenar, antes de restituir ou de encontrar uma ordem consentida e com sentido.

Do mesmo modo, todo o Bairro de S. Lázaro requereria uma renovação qualificada a que possivelmente teria de acudir uma atitude criativa de todas as partes. Até porque cada gesto ou decisão nesse sentido convocam e desafiam a cidade à sua própria regeneração e, com esta, a inevitável revisitação e redescoberta de mais uma parte da sua natureza.

Tal como José Catela demonstra à evidência uma parte de um passado não tão longínquo, também importa lembrar que o presente é a acumulação de todos os passados, património físico e espiritual que importa a todo custo manter criativamente.

Por tudo isto e pela importância que a obra de José das Neves Catela assume ao nível da perceptibilidade do seu devir, neste fantástico Entreposto e Cidade, o homem e o fotógrafo fundem-se numa palavra única bem ao jeito do que gostava de fazer: visão. **RC**

As fotografias de José Neves Catela que ilustram este artigo (e respectivas legendas) constam do catálogo "Macao Memórias Reveladas - José Neves Catela" e foram gentilmente cedidas pelo Museu de Arte de Macau, que produziu o referido catálogo, editado por Fundação para a Cooperação e Desenvolvimento de Macau/Instituto dos Assuntos Cívicos e Municipais (Macao, Abril de 2001).

The photographs by José Neves Catela and the accompanying captions were taken from the catalogue entitled Macao: Memórias Reveladas — José Neves Catela (Macao: memories revealed — José Neves Catela) and were graciously provided by the Macao Museum of Art. The catalogue was produced by the museum and published by the Macao Foundation for Cooperation and Development / Civic and Municipal Affairs Bureau (Macao, April 2001).



Página anterior: Um grande junco (de três mastros) saindo do Porto Interior de Macau para a pesca nas águas da foz do Rio das Pérolas.

Previous page: A three-masted fishing boat leaving Macau for the estuary of the Pearl River.

BIOGRAFIA

José Neves Catela, filho de Anselmo José Catela e Emília Maria Neves, nasceu em Alpiarça, Ribatejo (Portugal), no ano de 1902.

O jovem José chegou a Macau em 1925, com 23 anos, para comandar, como oficial da Marinha Mercante Portuguesa, um barco que efectuava as ligações entre Macau e Saigão.

Algum tempo depois este barco mudaria de bandeira, por ter sido vendido, facto que levou Catela a ingressar nos Serviços de Obras Públicas (Obras do Porto e Propaganda e posteriormente na Secção de Propaganda e Turismo).

Cinco anos após a sua chegada a Macau (em 31 de Janeiro de 1931), José Catela casou-se com Melina Angélica Ayres da Silva, natural de Macau. À data do seu enlace matrimonial trabalhava na “Inspeção dos Serviços Económicos” e residia na Rua Inácio Baptista. Deste matrimónio viriam a nascer 3 filhos: Maria Teresa Augusta, José e Maria da Graça.

Apaixonado por fotografia, foi fundador do Círculo Cultural de Macau, tendo chefiado a sua Secção Fotográfica, bem como administrado o seu órgão de expansão, a revista MOSAICO. Contudo, o seu interesse por esta arte levá-lo-ia mais longe: para além das suas funções públicas, desenvolveu intensa actividade como repórter fotográfico, tendo colaborado em vários jornais e revistas inglesas e americanas. Catela fotografou a cidade de Macau nas suas múltiplas dimensões: o património, as gentes e os costumes, conservando assim em imagens de prata as características da cidade que habitou e amou.

Nos anos 30, conforme nos declarou Henrique Senna Fernandes, era “um privilégio ir ao Catela para ser fotografado. Catela fotografou-me quando tinha nove anos, fotografou também o meu irmão e o meu primo Fernando. Era o melhor fotógrafo de Macau! Essas fotografias eram das melhores que eu tinha”. Segundo a mesma fonte, a sua casa ocupava parte da actual Biblioteca Central, sendo também aí o seu atelier.

A “Foto Arte Catela”, da qual era proprietário, situada na Rua Conselheiro Ferreira de Almeida, número 89A, consta do Anuário de Macau de 1963, na rubrica Fotografia/Fotógrafos (nesta época existiam em Macau apenas seis casas fotográficas). Este anuário foi ilustrado com fotografias da sua autoria – o que se prova pelo facto das imagens ostentarem no canto inferior direito o seu nome “Catela”. Contudo não foi esta a única forma que utilizou para distinguir a sua obra, pois era frequente carimbá-las com um selo branco “Catela Macau”.

José Catela viria a falecer no Hospital de São Rafael (hoje sede do Consulado-Geral) em 1951, ainda relativamente novo – tinha 49 anos –, tendo sido sepultado no Cemitério de São Miguel Arcanjo.

Margarida Saraiva, in *Macau Memórias Reveladas - José Neves Catela* (Catálogo da exposição). Macau: FCDM/CMP, 2001.

BIOGRAPHY

José Neves Catela, son of Anselmo José Catela and Maria Emília Neves, was born at Alpiarça, Ribatejo (Portugal), in 1902.

When he was 23 years old, José, a Portuguese Merchant Marine naval officer, came to Macao as captain of a ship sailing between Macao and Saigon.

Afterwards, as the ship was sold and had its flag changed, Catela was admitted into the Public Workd Department (Harbour and Propaganda Works and, later, worked for the Tourism and Propaganda Section).

Five years after his arrival in Macao (on 31 January 1931), José Catela married Melina Angélica Ayres da Silva, from Macao.

When he got married, Catela was working for the Inspection of Economical Service and lived at Rua Inácio Baptista. Their three offspring were Maria Teresa, José and Maria da Graça.

He created the Macao Cultural Circle, as he appreciated photography and was in charge of both its photography section and magazine MOSAICO. Besides being a public servant, he became very active as a photo reporter. He contributed to several American and English newspapers and magazines. Catela took pictures of Macao in its multiple dimensions: its historical heritage, its people and its traditions, thus preserving in silver images, the characteristics of a city that he deeply loved.

In the 30's, accordingly to Henrique Senna Fernandes, it was “a privilege to have a photo taken by Catela. I had my photo taken by Catela when I was nine years old and my brother and my cousin Fernando as well. He was Macao's best photographer! Those were my best photo's!” Senna also says that Catela's home and his atelier were part of the same building were the Main Library is located nowadays.

He was the owner of Photo Art Catela, located at 89A Rua Conselheiro Ferreira de Almeida, as stated in ‘Anuário de Macau’ (Macao Yearbook), dated 1936, chapter Photography/Photographers (at that time there were just six photo shops). This yearbook was illustrated with his photos – since his name “Catela” is displayed at the right bottom. However, he also used to distinguish his work with a white stamp “Catela Macau”.

José Catela died at St. Raphael's hospital (today the Consulate General of Portugal) in 1951, at 49 years of age, and is buried at the São Miguel Arcanjo Cemetery.

Margarida Saraiva, in *Macau Memórias Reveladas - José Neves Catela* (Exhibition catalogue). Macao: FCDM/CMP, 2001



PATRIMÓNIO / Fotografia



Adivinho chinês lendo a sina, serviço realizado a troco de pagamento.
Palm reading in the street. "Free Advice! Mind you, for full and comprehensive advice", you still have to pay.



Duas mulheres prestando culto ao "Deus do Bairro", no altar de "Shi Gang Dang", divindade que afasta os demónios. Bairro de San Kio.
A worshipping ceremony in the San Kio area.

PATRIMÓNIO / Fotografia



Mulher cega tocando e cantando, e pedindo esmola.
A blind woman singing and playing the Yue Qin for a living in the street.

“So-tau-po” ou penteadeira chinesa tratando o cabelo de uma cliente.
A hair maker at work. She would now be called a hair stylist.





Criança carregando um bebé às costas. Em todos os afazeres, desde o trabalho, passeio ou divertimento, os bebés eram carregados pelas mulheres ou pelos irmãos.
Women and children carried babies on their back to facilitate working, shopping and gaming.

Roupas estendidas nas antigas vielas.
An old narrow alley is draped with laundry.



PATRIMÓNIO / Fotografia



Adivinho lendo a sina observando apenas a palma da mão.
A simple palm-reading and fortune telling stall.

Rua de restaurantes com os seus anúncios publicitários.
Restaurant alley with eye-catching signpost.





記 燥
雀 蔴 登
貨 不

HERITAGE / Photography



Adivinho que lê a sina, mas que continua sem encontrar a sua sorte.
Fortune-tellers usually looked weary. Has he had his face read?

Dono de uma casa de “ma-cheok” fumando.
The owner of the Cho Kee majong stall shows his preference for a Bamboo Pipe.